

# TERRITÓRIO SAGRADO

Angela Philippini

## RESUMO:

A autora aborda o setting em Arteterapia considerando-o um território sagrado, dedicado à criação e à transformação. Informa sobre ambientação e materiais básicos, enfocando o papel e funções do arteterapeuta neste contexto.

## ABSTRACT:

The author approaches the setting in art therapy, considering it as a holy territory, dedicated to creations and transformation. Informs about environment and basic materials, focusing the role and duties of the art therapist in this context.

*“Isso é uma necessidade absoluta para qualquer um.  
Você precisa de um grupo, uma determinada hora  
ou um certo dia em que não leu as notícias da manhã,  
não sabe quem são seus amigos, não sabe o que deve  
a quem quer que seja, nem o que lhe devem.  
É um lugar onde você simplesmente vivencia e traz à tona  
o que você é e o que pode ser. É o lugar da criação incubativa.  
No início, você pode achar que nada acontece, mas,  
se você tem um lugar sagrado e se serve dele,  
alguma coisa eventualmente acontecerá.”*

**(CAMPBELL)**

## IMAGEM

Todas as culturas têm seus territórios sagrados, um espaço de proteção, calma e serenidade, nos quais os indivíduos podem realizar seus ritos de conexão com Aquele que concebem como divindade. Locais para renovar as forças, espaço de reverenciar ancestrais, pedir proteção, inspiração e harmonia. Nesses territórios se reúnem símbolos que facilitam um processo de resgate de um chão original, uma verdadeira casa no sentido psíquico.

O “*setting*” da arteterapia, com sua aformatação de laboratório de alquimista, recria, nos tempos atuais, o tão necessário território sagrado. Funciona como local de criação, de resgatar e expandir potencialidades adormecidas, de desvelar sentimentos, de compreender conteúdos inconscientes. Para que seja produtivo, este território simbólico precisa, em sua materialidade, oferecer algumas condições operacionais essenciais.

Sua ambientação oferece inúmeras alternativas, mas algumas questões são básicas. A luz natural é uma delas, pois facilita o contato com as cores sem distorções, não sobrecarregando a visão. Outro fator refere-se ao chão e ao mobiliário, que devem ser funcionais, podendo ser limpos com facilidade, sendo o carpete e outras forrações semelhantes totalmente contra-indicadas. Quanto aos materiais pertinentes às múltiplas modalidades expressivas, é essencial ter o básico para as atividades plásticas usadas em

arteterapia. Se acontece no processo de criação de um cliente em particular, a necessidade de um material que habitualmente não está no setting, pode-se combinar, de uma sessão para outra, como obtê-lo. Assim, para atender à essas modalidades expressivas básicas, seria adequado manter disponível no “*setting*” arteterapêutico:

- **PARA AS ATIVIDADES DE COLAGEM:** gravuras pré-selecionadas (evitando o manuseio de revistas inteiras, que distraem a atenção do cliente e tomam muito espaço), papéis coloridos de texturas diversas (seda, glacê, celofane, camurça, kraft, cartolinas, etc), tesouras (de preferência de pontas redondas), cola (branca, colorida e/ou com purpurina, para isopor e para madeira), retalhos de tecidos, fios e materiais orgânicos (sementes, flores secas, etc)

- **PARA ATIVIDADES GRÁFICAS:** papéis brancos (preferencialmente do tipo 40 kg), pois oferecem melhor rendimento por menor preço, são mais resistentes e podem ser utilizados em cortes de tamanhos diversos, carvões de desenho, papéis A4 para esboço, grafites, lápis de cor, crayons, pastéis a óleo e pastéis secos, bastões a óleo, etc. para o trabalho com crianças, poderão ser acrescentados: gravetos, carvões e cacos de telha (para desenhos em madeiras e superfícies porosas).

- **PARA ATIVIDADES DE PINTURA:** guache, aquarela, acrílica, PVA para confecção de tinta artesanal feita da mistura de pigmento líquido, tinta de parede branca, cola e água (com rendimento de grandes quantidades por preço menor e oferecendo cores vivas e brilhantes), pincéis de tamanhos diversos, esponjas, e rolos de pintura de tamanho diversos.

- **PARA ATIVIDADES DE MODELAGEM:** massa plástica (massa artesanal de farinha de trigo e sal), argila, material básico para papel marchê (cola branca, papel higiênico e desinfetante). Excepcionalmente, dependendo do processo de criação acompanhado, poderão ser utilizadas massas menos comuns e de uso operacional mais complexo, como Durepoxi, massa biscuit ou massa artesanal de miolo de pão e gesso.

- **PARA AS ATIVIDADES DE CRIAÇÃO DE PERSONAGENS:** bolas de isopor, arames, palitos de churrasco, material para enchimento (algodão em bolas, rama ou estopa) retalhos de tecidos, fios coloridos, fitas e rendas, fita crepe, grampeador, agulha e linha, contas diversas, miçangas e paetês

- **PARA ATIVIDADES DE TECELAGEM:** fios diversos, lãs, barbantes tingidos ou em tom natural, cordas de espessuras diversas, cordões de cores diversas, fitas.

- **PARA ATIVIDADES COM TECIDOS:** retalhos de cores e texturas diversas, agulhas de espessuras diferentes (preferencialmente de furos grandes e pontas arredondadas), tesouras, fita métrica, rendas, fitas, galões, linhas de espessuras diversas para costurar e bordar.

- **PARA ENCENAÇÕES:** na apresentação e construção de histórias, na experimentação de personagens, um baú de guardados é sempre bem-vindo. Pedacos de

retalhos diversos em tamanho grande (para enrolar e cobrir), tule em cores diversas, plumas, bijuterias, luvas, roupas de festa, capas e chapéus.

A possibilidade de separar materiais para compor o “*setting*” de arteterapia é infinita. É interessante ter alguns materiais adicionais como: penas coloridas, conchas, areia colorida, purpurina, pedras coloridas e contas, porque nunca se sabe certamente qual será a necessidade de expressão do cliente. Ao acontecer de alguma idéia não poder ser materializada no momento da sessão, é interessante combinar com o próprio cliente formas de conseguir o material para encontros seguintes. Evitando, assim, que o processo seja bloqueado e/ou interrompido por questões operacionais e também permitindo que o próprio indivíduo que cria participe mais ativamente do processo.

Uma questão que às vezes se coloca em relação ao setting de arteterapia é a dos arteterapeutas iniciantes, que atendem em locais não apropriados para o trabalho. Estes se defrontam com dificuldades para o armazenamento das produções e com a própria dinâmica do processo de criação que, no percurso, pode espelhar a sua volta registros feitos de respingos, manchas, fiapos e fragmentos diversos. Estes arteterapeutas às vezes ficam muito aflitos tentando administrar eventos naturais ao processo de criação e submetendo-se a restringir as possibilidades expressivas, para que se adequem a determinados “*settings*” pasteurizados.

O trabalho em arteterapia pressupõe a possibilidade de armazenar as produções em processo e deve poder suportar receber manchas de tinta, pedaços de barro, aparas de papel, etc. O “*setting*” não deve permanecer sujo, mas certamente deve ser sujado durante o desenrolar das atividades. Por isso, chão com carpete, cadeiras forradas com tecido e móveis claros não são adequados.

O setting de arteterapia funciona como um ateliê e, portanto, é pouco produtivo procurar pretender que esteja sempre impecavelmente organizado. Uma certa flexibilidade em tolerar a dinâmica do processo criativo é útil, mas deixar o ateliê em permanente desarrumação não será produtivo. Deve-se incluir no processo terapêutico a tarefa de organizar o espaço com cada cliente individualmente, ou com os grupos ao final de cada atendimento, o que ajuda a manutenção do espaço sempre em condições de uso.

Há muitos anos atrás, no curso de psicologia, aprendi que um “*setting*” deveria ser neutro, pintando de branco ou cinza e sem estímulos que pudessem distrair a atenção do cliente. Nesta mesma época, iniciei um processo terapêutico com um psicanalista que, além de seu consultório particular, dirigia uma instituição psiquiátrica pública no Rio de Janeiro. Era conhecido por sua cordialidade e posições políticas bem definidas e pelo fato de manter em seu consultório particular, grupos que eram chamados de “*sociais*” (com estudantes e pessoas de renda mais baixa que necessitavam iniciar um processo terapêutico).

Quando cheguei ao seu consultório particular para a entrevista inicial, como candidata a entrar em um destes grupos, qual não foi meu espanto ao ver que dentro daquele espaço (o “*setting*”) havia objetos que, à minha possibilidade de compreensão da época, pareceram muito inusitados. Havia santos barrocos, objetos diversos em artesanato de madeira e o que, na ocasião, julguei mais incrível era que havia também, num dos cantos da sala, uma imensa roda de carroça de boi talhada em madeira grossa e escura. No meio da entrevista não me contive e perguntei: “Mas por que você tem estes objetos aqui?”

Então, ele tranqüilamente me respondeu: “Eu os tenho aqui porque eles são registros de minhas viagens. Como estou neste espaço mais de 8 horas por dia, gosto de ter por perto objetos dos quais mais gosto e que me tragam boas sensações.” Aliviada, prossegui minha

entrevista e posteriormente fui admitida no grupo. Iniciamos ali uma produtiva parceria terapêutica que só veio a ser interrompida anos depois, por sua morte.

Penso que naquele momento da entrevista recebi uma informação preciosa para minha jornada posterior como terapeuta e sobretudo para minha trajetória como arteterapeuta. O trabalho pode ser conduzido com seriedade, competência e produtividade, sem ter que se esconder sob o ranço do academismo e da ortodoxia.

O “*setting*” arteterapêutico deve contar com uma atmosfera descontraída que, ao mesmo tempo, ofereça segurança e receptividade. Deve ser estimulador da experimentação expressiva, do comportamento criativo, de ousadias e inovações nos modos de ser. Por outro lado, deve conter múltiplos materiais, de modo a facilitar, através desta múltipla materialidade, a descoberta de trilhas de acesso ao inconsciente, singulares para cada indivíduo.

Chagas Pereira ressalta que a “preocupação terapêutica” pode tornar-se facilmente antiterapêutica porque deixa entrever uma “norma”, uma discreta condenação do que é “anormal” ou “inadequado” e não há nada que dificulte mais a cura do que a proibição de adoecer ou de se manifestar a patologia.

A arteterapia procura evitar a rigidez teórica ou técnica que pode exercer um efeito inibidor inconsciente ao progresso criativo e à liberação expressiva do paciente. Parte-se do pressuposto que a atividade expressiva possui uma ordem oculta e que o intelecto (a função pensamento) também participa deste trabalho, de acordo com leis próprias de estética e harmonia, não havendo, por isso, a necessidade de exagerados “controles externos” no “*setting*” arteterapêutico.

Neste contexto, o paciente coopera ativamente no tratamento, havendo, por isso, redução do desejo de competir com o arteterapeuta ou inveja de suas interpretações. Mesmo quando, no decorrer do processo, surge a dor que resulta da perda da idealização do ego, este momento pode ser melhor tolerado pela compensação de poder criar algo que é tangível e perene. Além disso, a atividade expressiva pode também oferecer um continente estável para as emoções intensamente agressivas e/ou destrutivas de determinados pacientes.

O trabalho arteterapêutico compartilha a vida em seus movimentos de fuga e encontro, em suas mudanças e fluidez, e demanda flexibilidade para acompanhá-lo de forma adequada. Que o “*setting*” de arteterapia possa funcionar, então, como um território sagrado da criação, um espaço acolhedor e flexível no qual, em meio às asperezas do cotidiano, abrem-se trilhas de entrada num espaço mítico de autodescoberta, lugar de gestar-se em sonhos e projetos. Um *temenos*\* onde é possível criar e recriar o tempo, tal qual seria *kairós*\*. Resgatando e construindo fontes de proteção e nutrição psíquica. E, então, neste tempo e espaço singulares, criações, criadores e criaturas vão poder dançar a dança de Shiva, celebrando o TODO CRIATIVO que assim, poderá viver e se multiplicar em arteterapeutas e clientes.

ANTES, HOJE E SEMPRE...

\*TEMENOS – vaso sagrado

\*KAIRÓS – divindade grega do Tempo Cíclico

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

**CAMPBELL, J** – O Poder do Mito – Trad. Carlos Felipe Moisés – Palas – SP (1990)

**PEREIRA, C.R.** – A Espiral do Símbolo – Vozes - Petrópolis (1997)

**PHILIPPINI, A.** – Materialidade em Arteterapia in Revista Imagens da Transformação – Pomar – RJ - 1999

Publicado originalmente no Volume VI da Coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação” – Pomar - 1999

Ângela Philippini é arteterapeuta, artista plástica, Mestre em Criatividade pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), editora da coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação”, autora do livro de arteterapia “Cartografias da Coragem”, organizadora do livro “Arteterapia: Métodos, Projetos e Processos”, coordenadora da Pós-Graduação Lato Sensu em Arteterapia em convênio Pomar – ISEPE.

E-mail: [pomar@alternex.com.br](mailto:pomar@alternex.com.br)